

Vieira & Rodrigues
(Organizadores)

PALAVRAS PARA

Sentir



Pantanal Editora

2020

Paulo Alberto dos Santos Vieira
Poliany Cristiny de Oliveira Rodrigues
(Organizadores)

PALAVRAS PARA SENTIR



Pantanal Editora

2020

Copyright[©] Pantanal Editora
Copyright do Texto[©] 2020 Os Autores
Copyright da Edição[©] 2020 Pantanal Editora
Editor Chefe: Prof. Dr. Alan Mario Zuffo
Editores Executivos: Prof. Dr. Jorge González Aguilera
Prof. Dr. Bruno Rodrigues de Oliveira

Diagramação: A editora
Edição de Arte: A editora
Revisão: Os autor(es), organizador(es) e a editora

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – OAB/PB
- Profa. Dra. Albys Ferrer Dubois – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – IF SUDESTE MG
- Profa. Msc. Aris Verdecia Peña – Facultad de Medicina (Cuba)
- Profa. Arisleidis Chapman Verdecia – ISCM (Cuba)
- Prof. Dr. Bruno Gomes de Araújo - UEA
- Prof. Dr. Caio Cesar Enside de Abreu – UNEMAT
- Prof. Dr. Carlos Nick Gomes – UFV
- Prof. Dr. Claudio Silveira Maia – AJES
- Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – UFGD
- Prof. Dr. Cristiano Pereira da Silva – UEMS
- Profa. Ma. Dayse Rodrigues dos Santos – IFPA
- Prof. Msc. David Chacon Alvarez – UNICENTRO
- Prof. Dr. Denis Silva Nogueira – IFMT
- Profa. Dra. Denise Silva Nogueira – UFMG
- Profa. Dra. Dennyura Oliveira Galvão – URCA
- Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves – ISEPAM-FAETEC
- Prof. Dr. Fábio Steiner – UEMS
- Prof. Dr. Gabriel Andres Tafur Gomez (Colômbia)
- Prof. Dr. Hebert Hernán Soto Gonzáles – UFR (Peru)
- Prof. Dr. Hudson do Vale de Oliveira – IFRR
- Prof. Msc. Lucas R. Oliveira – Mun. de Chap. do Sul
- Prof. Dr. Leandro Argente-Martínez – ITSON (México)
- Prof. Msc. Javier Revilla Armesto – UCG (México)
- Prof. Dr. José Luis Soto Gonzales – UNMSM (Peru)
- Prof. Dr. Julio Cezar Uzinski – UFMT
- Prof. Msc. Marcos Pisarski Júnior – UEG
- Prof. Dr. Mario Rodrigo Esparza Mantilla – UNAM (Peru)
- Profa. Ma. Nila Luciana Vilhena Madureira – IFPA
- Prof. Dr. Rafael Chapman Auty – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Rafael Felipe Ratke – UFMS
- Prof. Dr. Raphael Reis da Silva – UFPI
- Prof. Dr. Ricardo Alves de Araújo – UEMA
- Prof. Dr. Wéverson Lima Fonseca – UFPI
- Prof. Msc. Wesclen Vilar Nogueira – FURG
- Profa. Dra. Yilan Fung Boix – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – UFT

Conselho Técnico Científico

- Esp. Joacir Mário Zuffo Júnior
- Esp. Maurício Amormino Júnior
- Esp. Tayronne de Almeida Rodrigues
- Bel. Ana Carolina de Deus

Ficha Catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P154 Palavras para sentir / Organizadores Paulo Alberto dos Santos Vieira,
Poliany Cristiny de Oliveira Rodrigues. – Nova Xavantina, MT:
Pantanal, 2020.
77 p.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-990641-6-6

DOI <https://doi.org/10.46420/9786599064166>

1. Literatura brasileira – Poesia. I. Vieira, Paulo Alberto dos Santos. II.
Rodrigues, Poliany Cristiny de Oliveira.

CDD B869.1

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos livros e capítulos, seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva do(s) autor (es). O download da obra é permitido e o compartilhamento desde que sejam citadas as referências dos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000. Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil.

Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp).

<https://www.editorapantanal.com.br>.

contato@editorapantanal.com.br

APRESENTAÇÃO

Apresento a você essa Coletânea de Poesia reunida para instigar sua liberdade e imaginação!

As poetas e os poetas aqui reunidos, apresentam reflexões diante de suas perturbações nos trazem um estilo de como a vida pode ser vivida, cada um a sua própria maneira!

Poesia é uma forma de expressar pensamentos ocultos, paixões hospitaleiras, emoções avassaladoras, desabafos engasgados e protestos vibrantes!

Poesias também são construídas para encantar a alma e acalmar o coração! Iluminar o seu olhar, trazendo para si as melhores e mais íntimas inspirações! Arrebatá-lo seu coração! Despertar envolvimento, entusiasmo, nobreza, saudade e amor!

Veja, ouça e sinta a vibração das palavras e deixe aflorar os seus sentimentos!

Aproveite a leitura!

Katia Leite

PREFÁCIO

(C)ASA DE VERSOS PARA SENTIR

Vivemos uma época em que as redes sociais retumbam e (re)tombam vozes, cores e tons de todas as raças e credos. Nesse contexto a literatura procura (re)definir seu prumo. A escrita poética (res)significa o ser e busca na razão formas de organizar a vazão de uma voz interior. A régua da existência no texto poético não tem limites, nem territórios tom(b)ados. Há tão somente a (con)sagração do verso em novos temas, em novos territórios, como as redes sociais. O silêncio é o pré-texto da linguagem poética.

Surge no front mais uma coletânea de poemas intitulada Palavras para sentir. Nesta, seus autores não dependem da literatura para viver. Vários deles militam em causas sociais. E se preciso for, nas horas (in)úteis, curtem o (ó)cio criativo, parafraseando Manoel de Barros. Fica à vontade, caro leitor, caso queiras ir direto à leitura deste livro. Este, organizado por Poliany Rodrigues e Paulo Alberto Vieira, contém dezesseis autores da região de Cáceres (MT) e um de Cuba. A ceia de versos está posta.

Filipe Frota de França, poeta neorromântico, é quem inicia esta coletânea. Sua voz se ouve em CAMINHOS INCERTOS, VIDAS DIVERSAS: “Às vezes estamos sozinhos / Às vezes estamos em pares”. Para ele, “Sentimento pode ser bom / Sentimento pode ser ruim / Não tem um único tom / É difícil encontrar um fim”. O meio é a poesia.

Odair José, poeta cacerense, procura leitores à flor da pele. Isso pode ser percebido em A FLOR DO MEU JARDIM: “Você é a flor do meu jardim / Que exala a mais suave fragrância”. Ainda, personifica o canto em voz que se hiperboliza. Eis o exemplo: O AMOR QUE SINTO POR TI: “Amo-te como ama o amor / Como a alma sedenta anseia a fonte”. Enfeixa o olhar metafórico em CÁCERES, PAIXÃO DE POETA. Ele a vê como “Cidade de luzes e encanto / Feita de flores, calor e acalanto / Pelo sol brilhante sempre iluminada”. Um poeta raiz do seu território. Lírica em profusão.

Paulo Alberto traz poemas-denúncia. CRISTIANA (DES)APARECIDA é um exemplo: “Fim de caso, fim de tudo / Morte afinal / Escondida, abafada / Ocultada, mascarada / Censurada, na notícia do jornal”. Embalado pelo murmurinho das redes sociais surge: ELE NÃO. Aponta o mouse e reflete: “Os gatilhos estão nos dedos / Todos, inclusive eu, com muito medo / Ele não !” Dialoga com Drummond em NO MEIO DO CAMINHO: “Havia um tiro / No meio do caminho / Tiro a encerrar o caminho”. A bala viva do poema, sem anteparo, atinge o leitor em cheio. Em “DAS TRETAS, NA PANDEMIA, |DOS

AMORES E DA VIDA”, acende o pavio do poema e busca a celebração da alegria. Afinal, na vida, como na arte, “não cabe qualquer tipo de rancor”. A pandemia passará. O poema não.

Leandro Peska, em PARA LAU, revela: “Garotos têm sim medo do escuro, / E seus olhos hão de me guiar”. O foco não mente. Lente de cineasta. Um olhar sui generis. Fotografia poética que desponta no horizonte.

Rauni Vilasboas se apresenta com A SARJETA, palavras com tintura reflexiva: “Nada se compara a toda essa corja amaldiçoada e sozinha. / (...) Aglutinados a putrefação e a sujeira, oh! nobres da sarjeta”. O vocativo arremessa o leitor para o espaço da folha.

Silvia Regina Nunes traz algo necessário à poesia: simplicidade e leveza. Nesse sentido, destaco POEMA SIMPLÓRIO: “Se só me faltasse / A coragem / Sonharia com os abismos / (...) Ouviria o sagrado metal / Leria a infinitesimal poesia / E faria mais cafunés...”. Ela experimenta uns haicais, (des)fiando metonímicos cafunés. O leitor ainda degusta um poema convocatório. Vale a pena conhecer as nuances e a química do seu verbo.

Tássia Borges esbanja sensualidade literária. Ela vem NUA: “E eu sentia vontade de falar / Me despindo em palavras / (...) Cada palavra e uma peça caía / Eu ia ficando nua / Você me via nua às sete da manhã / Que luz!”. Alquimia da poesia. Palavra metaforizada. Metalinguagem singular. Poeta plural.

Victoria Salomé vem com uma lírica feminista insubmissa, que se apodera e empodera o leitor. Se não, vejamos HUMANIDADE: “O corpo do homem é o corpo que estupra, / o corpo que molesta, o corpo que assedia, / o corpo que tortura, o corpo que mata”. É a (de)gradação do homem in natura. In versos. Não somente.

Vagner Braz traz marcas plurissignificativas de plenitude. Um regional com marcas de plural. ESCREVO, LOGO SOU: “Eu caminhei pelos labirintos / da urbe do Rio Paraguai / Pantanal plural / Nas/das margens dos desconhecidos / Em gestos de leituras / (...) Todas às vezes que escrevo / Eu deixo os meus restos / Enunciando as falhas / Do sujeito de linguagem que sou...”. Pleno de leituras se anuncia. Plaina em imensidões linguísticas.

Leliam Tlarig, em língua espanhola, traz uma voz poética reflexiva em “LIBRE”: “Un día liberaré mi alma de tantas pretensiones terrenales, / de tantos egos que me absorben, / de tantos objetivos y metas, de resultados intangibles al espíritu / y aplausos que no escucho...”. Os ecos do silêncio se prolongam no poema (IN) DEFINIRTE: “Sin analogías, sin definiciones...es todo y es nada, / pudiera ser infinito.../ pero igual con un átomo, / mi alma tiene luz / para ver en la oscuridad / y marcar un rumbo al mañana”. Penso no “Nada” presentificado de Mallarmé, que é tudo. O poema preenche ausências.

Lucas Lima instiga o leitor à reflexão. Ele se arma de palavras e proclama MUDANÇAS: “Admita e aponte a mira / Prepara a letra mais pesada / Engatilha e atira”. Gira a saudosa roda da INSPIRAÇÃO para falar de Cáceres: “Cidade das bicicletas é irreal / Hoje as motos são as metas / E o bolso sem um real / Indo para sete quedas”. A princesinha do Pantanal, que ostentava o título de cidade das bicicletas, agora nada mais é que um retrato na parede do poema.

Poliany Rodrigues aponta o caminho do labirinto anímico. E canta O IMPOSSÍVEL: “Queria enxergar em anos-luz o futuro / Queria estar a anos-luz de mim / Como se as coisas fossem ficar simples / Como se eu não precisasse ter nada resolvido / Como se eu tivesse que recuperar a memória a cada manhã...”. Passa por vários pórticos para chegar em DELÍRIOS: “Eu só queria uma coisa da vida agora: um abraço!”. Esse simples gesto se tornou, por um tempo, algo perigoso à existência humana. O afeto da poesia haverá de recuperar isso, em seu devido tempo.

Rosângela Pereira contempla o outro, manifesta carinho ao nominar um VOCÊ: “Escolhi você Sabendo dos teus defeitos. / Escolhi você sabendo que não eras perfeito. / (...) Tantas outras melhores opções que a vida, me dava... / Eu escolhi Você...”. E anuncia um nome: ANDRÉ: “Menino de poucas palavras, nenhuma escritas”. É o poema que se alimenta do silêncio. São traços duradouros que ficam. Tão somente.

Beatriz Freitas afaga com palavras e traz na delicadeza dos gestos, o saudosismo em PRIMEIRA POESIA: “Teu cabelo / É como um arco-íris / Com as cores do passado”. Um amor de verão; filetes de luz em palavras.

Daniela Danieli se apresenta em tom reflexivo, com leve toque de humor, SOU CONTIGO: “E assim, como sou e como és / Seguiremos pelas reticências da vida até o ponto final”. O caminho de continuidade do verbo, transpondo sinais gráficos, pode ser longo. Mas a poesia das coisas é necessária.

Maria Elizabete Nascimento de Oliveira metaforiza a sabedoria e pincela os vãos da introspecção. AS LINHAS DAS MÃOS são “cartografia das fissuras” do poema, imensidões que pulsam nas veias das palavras e retumbam no ser, no vir a ser. Na arquitetura do seu ESPANTO, o assombro do verbo é um poema “que caminha por dentro da gente”, o qual faz “ressoar o grito mudo / daquelas engrenagens secas” e a lâmina que corta as vísceras do verbo se instala no inconsciente do leitor. Ao passo que “AEDO D’ALMA” nos leva ao precipício do vazio, da existência sem nexos, do “degredo perpétuo”, instâncias da alma de poeta. Esse é o momento em que o pavio do silêncio é aceso e a poesia se estabelece.

Marlon Vinicius da Silva é o autor que finaliza esta coletânea. Bem curiosa a metáfora de um livro que falta na estante, em AQUELA IMAGEM: “Quem me dera o ódio me cegasse / Quem me dera meus olhos mostrassem alguma insanidade / Mas não há nada ali, só a linha do horizonte / Só o vazio de um livro faltando na estante”. A ausência faz a gente querer miragens. De forma vampiresca, apresenta MEU DESEJO: “Quero o calor do teu sangue escorrendo por meu peito / Quero saborear a fibras de seu coração negro entre meus dentes / Quero sentir o frio tomando conta de seu corpo enquanto te abraço”. Um abraço (e)terno. O amor é eterno, porém paradoxal. Cabem todas as linguagens nele; a do poema sobreviverá.

Palavras para sentir é um acalento para a alma. Não podemos nem devemos viver sem arte. Ela é infinita. A vida não é. Precisamos recuperar o fundamento do verbo, a necessidade do verso, a reflexão da arte, a sabedoria do universo. Palavras em movimento são necessárias. Ademais, “A poesia é uma festa, / onde os convidados / se vestem de letras / e se despem com palavras”, como revelo na epígrafe do meu livro de poemas Teias e teares (2014).

Isaac Ramos (UNEMAT)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	4
PREFÁCIO	5
SUMÁRIO	9
CAMINHOS INCERTOS, VIDAS DIVERSAS.....	12
MEU COMPLEXO SENTIMENTO	13
NAMORO AO PÉ DO OUVIDO.....	14
A FLOR DO MEU JARDIM.....	16
O AMOR QUE SINTO POR TI	17
CÁCERES, PAIXÃO DE POETA.....	18
CRISTIANA (DES)APARECIDA.....	20
ELE NÃO.....	21
DAS TRETAS NA PANDEMIA, DOS AMORES E DA VIDA.....	22
NO MEIO DO CAMINHO	23
PARA LAU.....	25
A SARJETA.....	27
NEM TAMBÉM.....	28
ANDRÉ	29
POEMA SIMPLÓRIO.....	31
HAIKAI INSONE.....	32
HAIKAI DA INTIMIDADE	33
HAIKAI DA PERPLEXIDADE.....	34
HAIKAI DO VAI E VEM.....	35
FAMÍLIAS SUPOSTAS.....	37
LAÇOS INVISÍVEIS.....	38
NUA.....	39
HUMANIDADE.....	41
GURI HOMEM	42
ESCREVO, LOGO SOU.	44
LIBRE.....	46
(RE) ENCUENTRO	47
(IN)DEFINIRTE	48
VOAR.....	50
“MUDANÇAS”	51
INSPIRAÇÃO	52

O IMPOSSÍVEL.....	54
O ÓBVIO.....	55
DELÍRIOS.....	56
VOCÊ.....	58
NÓS.....	59
ANDRE.....	60
PRIMEIRA POESIA.....	62
SOU CONTIGO.....	64
AS LINHAS DAS MÃOS.....	66
ESPANTO.....	67
(RE)EXISTÊNCIA.....	68
AEDO D'ALMA.....	69
AQUELA IMAGEM.....	72
MINHA VITÓRIA SIM.....	73
OFEGANTE.....	74
MEU DESEJO.....	75
SANGUE SECO.....	76
ÍNDICE REMISSIVO.....	77



Filipe Frota de França

Graduado em Licenciatura em História e Mestre em Ciências Humanas. Sou apaixonado pelo o universo do conhecimento, mas é a liberdade da poesia que mais me encanta. Poetizar para não perder a beleza da vida. Esse é meu dilema.

CAMINHOS INCERTOS, VIDAS DIVERSAS

Filipe Frota de França

Nossas vidas seguem longos caminhos
Cheios de curvas, nunca lineares
Às vezes estamos sozinhos
Às vezes estamos em pares

Há quem caminhe para frente
Há quem ande para trás
Tem gente que não vai a lugar algum
Outros não vivem em um só lugar

Estradas escuras
Passos curtos
Caminhos iluminados
Passos largos

Perguntas sem repostas
Atitudes necessárias
Ações erradas
Vitórias conquistadas

Assim é a vida
Um espaço-tempo infinito
E ao mesmo tempo finito
Cheio de possibilidades

Para alguns
Único caminho
Para outros
Universo

MEU COMPLEXO SENTIMENTO

Filipe Frota de França

Sentimento não é razão
Esse impulso é pura emoção
Não julgue se eu me perder
Pois nem sempre consigo entender

Racionalizar o sentimento
É difícil em qualquer tempo
E mesmo que seja coisa de momento
Eu viajo nesse vento

Faço coisas que não espero
Deixo de fazer o que quero
Às vezes estou aquém
Às vezes estou além

Sentimento pode ser bom
Sentimento pode ser ruim
Não tem um único tom
É difícil encontrar um fim

Às vezes penso que superei
E logo percebo que errei
Mas gosto daquele sentimento que me guia
Pois a razão costuma ser fria

Vou errando e aprendendo
Caindo e levantando
Mas prefiro sentir
Do que viver me prendendo

NAMORO AO PÉ DO OUVIDO

Filipe Frota de França

Dormir de conchinha
Sonhar juntinhos
Ouvir você dizer que é minha
E depois te encher de beijinhos

Saber que tu vais sempre me abraçar
Poder sempre te beijar
E quando sonhar te amando
Eu acorde te abraçando

Poder dizer que sou teu
Ter certeza que esse amor é meu
Viver a liberdade do amor
E amar sem sentir dor

De dia se apaixonar
E de noite se amar
Viver no brilho o prazer
E no escurinho não deixar de te querer

Namorinho perfeito
Não significa que inexistente defeito
Mas que no som pulsante do coração
Vibre muita paixão

Odair José, o Poeta Cacerense

Nascido às margens do Rio Paraguai tem como lema o pensamento de Voltaire de que “A poesia é a música da alma, e, sobretudo, de almas grandes e sentimentais”. Professor de História e Filosofia; Técnico Administrativo da UNEMAT e amante incondicional da arte poética.

A FLOR DO MEU JARDIM

Odair José

Eu sempre quis poder expressar
De forma simples e verdadeira
O amor que sinto por ti
E que digo sem brincadeira.

Seus olhos sempre me fascinaram
Pois revelam o poder da atração
São eles a fonte da minha inspiração
Que me move a escrever-te essa canção.

Seu sorriso, sempre lindo e contagiante,
Dos meus sonhos é a razão
De caminhar com alegria
Pois ele aquece meu coração.

Você é à flor do meu jardim
Que exala a mais suave fragrância
Que me atija os desejos
E me acalma com sua elegância.

Uma flor que quero sempre viva
A deslumbrar o meu olhar
Que me entregue o seu perfume
E que saiba me amar.

A ti dedico essa singela poesia
Escrita com todo carinho e amor
Aquele que sempre me fascinou
À minha linda e meiga flor.

O AMOR QUE SINTO POR TI

Odair José

O brilho dos seus olhos rasgou a escuridão
E dissipou a minha ilusão.
O tempo descontinuou por um longo instante
E a tristeza foi para bem distante.

O amor que persevero em te revelar
É maior que as coisas banais da vida.
E o desejo que sinto por ti, querida,
Maior que o próprio mar.

Amo-te como ama o amor
Como a alma sedenta anseia a fonte
De água límpida e refrigerante
Assim é o anseio de meu ser pelo teu calor.

Sou amante de seus olhos lindos
De sua alma singela e radiante de viver
Amar você é ver o sol ao amanhecer
E seus lábios sempre sorrindo.

Que minha alma consiga expressar
A razão de meu amor por você
O anelo de contigo viver
Para sempre e sempre te amar.

CÁCERES, PAIXÃO DE POETA

Odair José

Cáceres, Princesinha do Rio Paraguai falada
Cidade de luzes e encanto
Feita de flores, calor e acalanto
Pelo sol brilhante sempre iluminada.

Banhada pelo Rio Paraguai caudaloso
Cercada de florestas pantaneiras;
Frondosos capins como esteiras,
Lagoas e animais lindos e formosos.

Capital Internacional da pesca
Região pantaneira do Turismo;
Conquistando espaço e patriotismo
Onde todos participam de festa.

Cidade de lindas garotas
D'aquelas que exalam perfume por onde passa;
Sua beleza encanta e realça
Por serem belas, meigas e marotas.

Cáceres, por ti tenho imenso amor,
Pois nesse silêncio que encontro em ti;
Escrevo minhas poesias, feitas aqui
E que um dia terá imenso valor.



Paulo Vieira

Nasci na cidade do Rio de Janeiro. Morei em subúrbios e periferias. Sinônimos dos territórios empobrecidos e desassistidos. Poucas semanas antes de completar 30 anos, desembarcava, pela segunda vez em Cuiabá, Mato Grosso. Desta vez para ficar. Na capital morei por quatro anos e na sequência me mudei para o interior, Cáceres. De Mato Grosso, desse Brasil profundo, pude conhecer terras daqui, dali e dacolá. Cheguei professor de economia e assim permaneço. Com o tempo, agreguei conhecimentos nos campos da história, da sociologia e da saúde mental. Um dos maiores desafios que me proponho é pensar como construir alternativas que possibilitem à promoção da igualdade racial e de gênero, o reconhecimento das diferenças e à superação do racismo. Eu também não consigo respirar.

CRISTIANA (DES)APARECIDA

Paulo Vieira

Nas calçadas, nas ruas
Sob o teto de luxo
Dos quarto de infinitas estrelas
Como surpreendê-las?

Se deste luxo, apenas ficam com o refluxo
Habitam sonhos, os de consumo
Que jamais serão seus
Seguem o mesmo caminho: S.O.S – sós e sem rumo

Garotas, em seus programas dominicais
Presentes nos programas semanais
Indispensáveis às colunas sociais
Só as sabemos em suas tragédias pessoais

Abandonadas, achincalhadas
Descartadas, assassinadas

Sorrisos infantis moldados
Rostos juvenis desfigurados
Encurraladas, em ardis sofisticados
Preparados pelos senhores condecorados

Essa gente que compra o que não se vende
Já que em suas mentes, a grana tudo torna decente

Sem o saber buscam
O difícil amor, carinho e compreensão
Vendem, alugam em seu corpo
Um pouco menos de solidão

Fim de caso, fim de tudo
Morte afinal
Escondida, abafada
Ocultada, mascarada
Censurada, na notícia do jornal

ELE NÃO

Paulo Vieira

Os gatilhos estão nos dedos
Todos, inclusive eu, com muito medo
Ele não!

Escolas sem partido
Partindo escolas já sem sentido
Ele não!

Diferenças valem a pouca sorte
Frente ao discurso de morte
Ele não!

Ipiranga na memória
Ypiranga se fez história
Ele não!

E a história se fez presente
Com tanta gente ausente
Ele não!

DAS TRETAS NA PANDEMIA, DOS AMORES E DA VIDA

Paulo Vieira

Que a vida seja celebrada pela alegria
Não pela pandemia

Que a vida prevaleça
E não sucumba diante de nós
Que a vida prevaleça frente aos desmandos
Incluindo os nossos

Que a vida seja a prioridade e não o adjunto
Que a vida siga seus rumos e que estes não sejam muros
Que a vida siga seus caminhos tortuosos, jamais tenebrosos

Que a vida seja celebração em vida, mesmo que saibamos da morte

Que a vida seja vibrante
E que humildade e comiseração
Nunca nos falte

Que a vida siga sendo amor
Sabendo que nela
Não cabe qualquer tipo de rancor

NO MEIO DO CAMINHO

Paulo Vieira

Havia uma luz
No meio do caminho
Luz a iluminar o caminho

Havia uma vida
No meio do caminho
Vida a permitir o caminho

Havia um tiro
No meio do caminho
Tiro a encerrar o caminho

Havia uma pedra
No meio do caminho
Pedra sobre o caminho

Leandro Peska

Cineasta, cacerense, amante do bom cinema e do ruim também. Cinema é vida e contar histórias é oxigênio.

PARA LAU

Leandro Peska

A primeira vez para tudo tem de rolar.
Sem medo ou receio.
Achei que conhecia seu sorriso, seu jeito,
Mas você mudou, eu mudei. Difícil de acreditar.

Num sonho tudo se pode,
Redimir-se dos erros,
“Cometer” acertos que não tivemos coragem
Ou simplesmente dançar pela eternidade.

É só um palpite, mas,
Talvez numa noite em que não haja luar,
Garotos têm sim medo do escuro,
E seus olhos hão de me guiar.

Seu sorriso não é mais o mesmo,
Está mais bonito, verdadeiro.
Seu olhar brilha, sua pele de longe sinto o cheiro,
Aos beijos e carinhos quero te guiar pelo meu desejo.

Medo? Carrego comigo.
E de que vale a vida sem medo?
Vale não sentir frio na barriga quando as mãos lentamente juntam os dedos?
Prefiro o medo a nunca mais ver as covinhas dos seus olhos em um lindo sorriso.

Rauni Vilasboas

É poeta, músico, compositor e ativista artístico na cidade de Cáceres/MT. É membro fundador da banda O Mormaço Severino, banda que se apresenta com músicas autorais e alguns instrumentos adaptados.

A SARJETA

Rauni Vilasboas

Nada se compara a toda essa corja amaldiçoada e sozinha.
Que lamenta as manhãs com suas palavras frívolas.
Que disparam mentiras a cada saliva cuspidas.
E que se dispõe de olheiras e restos de bebidas.
Os que engolem a seco, todo o desprezo, junto a fumaça tragada.
Os que fazem previsões nefastas para a próxima madrugada.
Que se enchem de vanglória diante do medo, e que ostentam
o luxo de sempre estarem bêbados.
Desgraçados por excelência e profetas do acaso.
Aglutinados a putrefação e a sujeira, oh! nobres da sarjeta.
Que dividem entre si toda a herança de sua dinastia sórdida, a que
não se resume em apenas um gole a toda sua história.
Os que rezam seus credos diante da sobriedade.
Os que dilaceram suas gargantas diante de suas verdades.
Que lacrimejam os olhos ao fim de mais um dia, e que repudiam
o juízo perante a suas vidas.
E que no final, sempre cairão vencidos e largados a própria mercê
de seu verdugo destino, a fria cama dos "mendigos", a tão amada
sarjeta.

NEM TAMBÉM

Rauni Vilasboas

Nem também, desfilarei exibindo minha face magra pelas vielas por aí.
Nem também, consumarei meu ódio frustrado, ao demônio que se deita todas as noites com a minha mãe.
Nem outrora, cuspira fora, o beijo forçado no chão da rua.
Beijo, atribuído a tais bebidas.
Nem Prantarei as escura, feito um enfermo já desacreditado, e nem as minhas atitudes ordinária fizeram de mim, um santo proclamado herói.
Sou a sombra de um vulto, agourento e de vitalidade fugaz, que dedica a noite e seus domínios, todo o mérito de meu pesar, por não dormir durante a mesma.
Mérito da noite, a minha inclinação sádica para o negativismo.
Mérito da noite, as curvas traiçoeiras pelas quais vou derrapando.
Oh! Trevas... Que a luz retalhada da manhã venha para lhe consumir.
Que teu manto obscuro e estrelado, cujo o emblema traz gravado, a dor e o pecado encante os inocentes e os faça lhe perseguir.
Nem também... Nem também.

ANDRÉ

Rauni Vilasboas

Quanto aos riscos que sobraram, foi o que sobrou de tão admirável
crepúsculo, cujo o
esplendor dourado teve como alma, fortes traços obscuros, Este tendo como
palco
o triste céu de Cáceres, onde até o fim fora exaltado.
E agora que ele se foi, do que viverá? Para onde gritará? pois caro amigo, de ti
carrego apenas
pena. Já que junto a teu pseudônimo covarde, só resta as quentes tardes
corriqueiras as margens
do rio da saudade. Oh! Pobre colecionador de sonhos, pois o amanhã doerá
tanto quanto o agora,
e de novo sem demora, provará o gosto amargo da derrota. Ah por do sol,
tuas raízes tão longe já
notadas, anunciando que o dia fora ceifado, e que agora junto a teu
pseudônimo covarde, só resta
as quentes noites rotineiras, as margens do horror de suas verdades.



Silvia Regina Nunes

Conforme a explicação materna, esse nome significa "rainha duas vezes", "rainha da selva", "rainha, rainha". Deve ser por isso que eu odeio a monarquia. Minha rotina: ler, escrever, ouvir músicas (MPB, rock, bossa nova, rock, samba, rock, blues, rock...), ver séries e filmes de ficção científica. Escrevo poesia quando não consigo falar, então boto palavra pela escrita. Entre metáforas e metonímias sou professora e pesquisadora.

POEMA SIMPLÓRIO

Silvia Regina Nunes

Se só me faltasse
A coragem
Sonharia com os abismos
Se só me falassem a verdade
Procuraria o silêncio
Se só me escutassem os sonhos
Dançaria sozinha na chuva
Comeria mais brigadeiros
Ouviria o sagrado metal
Leria a infinitesimal poesia
E faria mais cafunés...

HAIKAI INSONE

Silvia Regina Nunes

Ai de mim
Um querubim
Roubou meu travesseiro
Nele,
Tinha seu cheiro.

HAIKAI DA INTIMIDADE

Silvia Regina Nunes

Café tá pronto
Desliga o despertador
Massagem no pé?
Tá ventando demais hoje
Ressaca...
Depois de um porre de cafuné!

HAIKAI DA PERPLEXIDADE

Silvia Regina Nunes

Estranhos são os dias
Em que as pessoas estufam a boca pra falar
De autonomia...

HAIKAI DO VAI E VEM

Silvia Regina Nunes

E o vento bate forte
Pelas ruas que ando
Amor, saudade
Sorte
Vem e vão
De quando em quando



Tássia Borges

Graduada em Letras, mestre em linguística, servidora pública, mãe do Guilherme e poeta nas horas em que as palavras não cabem mais no peito.

FAMÍLIAS SUPOSTAS

Tássia Borges

A espera foi longa
A chegada em 96, talvez
Você chegou, mas não veio
A espera continua
A chegada tão longe
Inalcançável
A espera termina
Mas você não vem
Vai tão longe, vai além
Sempre está para alguém
Aqui a rua parada
A mesa vazia
Um vazio
Maior que o anterior à primeira chegada

LAÇOS INVISÍVEIS

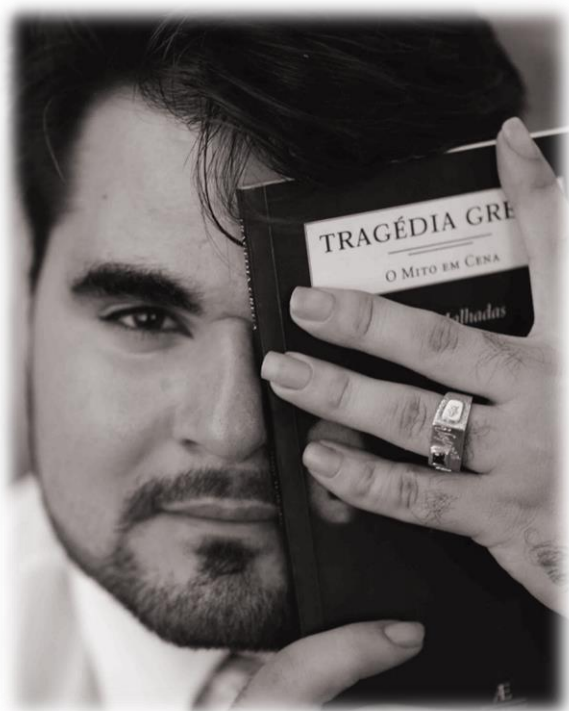
Tássia Borges

Eu só amo os teus detalhes
O que faz de ti indivíduo
Tua cara és tua és rara
Esse teu sorriso longo, laço
É o que me prende, me para
O que fez eu me atirar daqui de cima
Cai como um pássaro
Não tinha medo, era liberdade

NUA

Tássia Borges

Você me deixou
Seu charme às sete da manhã...
Me deixa nua
Às sete da manhã a luz é especial
Às vezes você se escondia dela
E eu sentia vontade de falar
Me despindo em palavras
Por quê?
A luz que te iluminava
Me enfeitiçava às sete da manhã
Cada palavra e uma peça caía
Eu ia ficando nua
Você me via nua às sete da manhã
Que luz!
Eu fantasiava que você me esperava
Pra assistir eu me despir às sete da manhã
Você não teve escolha a não ser assistir
Eu falava, falava
Talvez você não resistisse porque...
Tudo é tão bonito às sete da manhã
Meu corpo nu, você olhou lá dentro
Do meu corpo nu



Vagner Vainer Teixeira Braz

Nasceu brasileiro - e Poeta - em julho de 1992, no município de Pontes e Lacerda, Mato Grosso, Brasil. É Letrólogo (habilitação em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Respectivas Literaturas) pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) e pós-graduado em Educação de Jovens e Adultos para a Juventude pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Acadêmico de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Linguística (Linha de Pesquisa: Estudos de Processos Discursivos) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Tem experiência na área de Linguística, Letras e Artes, com ênfase em Análise de Discurso e Literatura, atuando principalmente nos seguintes temas: a Tragédia, o Trágico, Poesia Livre, Leitura, Discurso, Autoria, Morte, Coletividade e Subjetividade. Participou de concursos de poesias e antologias nacionais e internacionais, tendo seu trabalho consagrado na Europa. Nome artístico: Vagner Braz & Victória Salomé

HUMANIDADE

Victoria Salomé

O patriarcado oprime, submete psicologicamente,
abusa moralmente, invade, toma, retira direitos, censura, violenta, mata.
Apropria-se da mente de todos e do corpo das mulheres.
O corpo dos homens, nas regras do patriarcado, é livre.

O corpo do homem é o corpo que estupra,
o corpo que molesta, o corpo que assedia,
o corpo que tortura, o corpo que mata.

Todos os corpos trabalham para o patriarcado.
Eles escravizam todos, com adestramento mental punitivo,
de estímulos negativos, que se traumatizam até formar cicatrizes.

A depressão é o desalento sentido pela omissão
da humanidade com o próprio ser humano.

Somos seres humanos depressivos
Constantemente prestes a explodir
Em milhares pedacinhos de vidas outras
Nossos destinos depressivos

Chocados
Doloridos

Vívidos estão visualizando as fotografias sem amor
Sem noção de você
Sem perspectivas de crescimento
Sem ânimo para viver
Sem ânimo para morrer
Sem ânimo para você mesmo
Que a beleza vira cinza e frio.

Essas são barbáries aceitas no presente.

Raras pessoas na sociedade atual questionam esse posicionamento tão
primitivo da espécie humana. Por que não questiona?
Porque não aprendeu, ou ainda, porque ninguém ensinou.
Também porque lhe foi inculcado que deveria acreditar,
passivamente, nas mentiras e a obedecer, cegamente, os comandos.
Esse "modus operandi" propicia condições de reprodução indefinida.

GURI HOMEM

Vagner Braz

1 - A chuva cai
O sol se esconde
A natureza respira
E eu não sei caminhar
Por medos
Sem saber onde te encontrar
Não parei de te olhar
Foi numa fotografia congelada
Que vislumbrei o guri Homem
E senti você,
Ora, teu sorriso alegre nossos conteúdos...

2 - Barba bonita digna de respeito:
Depende se o homem tem caráter!
Barba ativa por olhares,
Desejos,
Vontades,
Mãos,
Bocas,
Por você...

Barba radioativa que encanta os seres humanos
Barba bela de Baco que pelas orgias embriagado o mito consagrou
Barba avassaladora!

3 - Quando ouvi tua voz
Quando às águas cáiram
Estava-me a pensar em você
Em você
Em eu
Em nós
Quando o tempo envelhecer
Quando minha vida ficar fria
Eu estarei a pensar em você
Em nós
Em eu
Em você

4 - Viajei para saudades
De cada manhã ao teu lado
A procurar preencher meus buracos
Implorei à Deus

E você não me quis
Implorei à Natureza
E ela chorou minha perda
Ninguém me amará?
Porque você roubou minha fé
E só deixou-me escrever
Liberdade!
Mas, não ajudou-me a escrever
Nossa vida
Amor
Morto
Olhando
Rabiscos de minhas lágrimas

5 - Nada é errado,
quando te enche
de
felicidades,
desejos,
vontades,
Amores,
Sonhos,
Virtudes,
Pecados,
Que quando acontece
Te deixa viver
O que és
Sem problemas
Preconceitos

6 - Não sei se quero morrer
Sem perspectivas... Estou-me.
Eu só queria ser tratado como todos são
Não entendo o motivo de todos
Quererem que eu seja normal
Quem nesse universo és normal?
Você?
Sinto muito,
Mas, essa pergunta é infinita
Pois, a resposta é plural
Assim, como todos os seres.

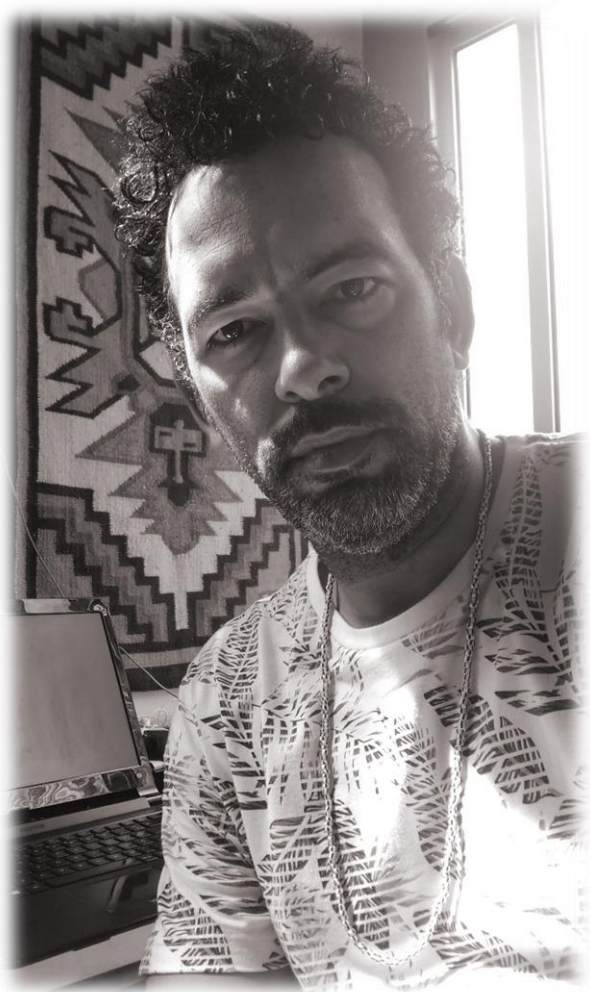
ESCREVO, LOGO SOU.

Vagner Braz

Eu caminhei pelos labirintos
da urbe do Rio Paraguai
Pantanal plural
Nas/das margens dos desconhecidos
Em gestos de leituras
Senti o discurso trágico
Ao pôr do Sol,
totalmente, trágico...

“Penser à me perdre
Pour que quelqu'un me cherche”

Todas às vezes que escrevo
Eu deixo os meus restos
Enunciando as falhas
Do sujeito de linguagem que sou...



Lekiam Tlarig

Neto de Fela e filho de Lourdes...sua profunda paixão: Cuba. Sua melhor poesia encontra-se nos olhos de Roxi e Maikiel (seus filhos), com ela alimenta e fortalece sua alma. Tenta ser justo, opor-se a exclusões e isso ocupa uma boa parte do seu tempo... Três desejos: regressar sempre às suas raízes, não perder a sua inocência e deixar-se acompanhar por um bom livro.

LIBRE

Lekiam Tlarig

Un día sin que nadie lo sepa,
en lo más profundo de las oscuridades
y también de las luces que me alumbran el alma,
voy a sacar esa poesía, ese dolor, esa pasión,
esa sensación de viajar sin tener puerto fijo...
Un día liberaré mi alma de tantas pretensiones terrenales,
de tantos egos que me absorben,
de tantos objetivos y metas, de resultados intangibles al espíritu
y aplausos que no escucho...
Un día quiero estar allí
en aquel lugar sencillo
y no quiero irme, de lo común,
de la tierra labrada, subir a la mata de mango
y de anoncillo como cuando niño,
comer tres mangos, jugar a los tiros, a los trompos, a la pelota,
que nada ni nadie me pueda sacar de ahí,
para así no creer nunca que muero en vida
y el día que muera, sentir que pude vivir siempre...

(RE) ENCUENTRO

Lekiam Tlarig

Hoy te miraba profundo,
buscaba más allá de tus ojos,
de tu rostro marchito por los dolores
y el insomnio...buscaba más allá de los consensos
y las realidades necesarias,
más allá de las distancias físicas,
de las dudas y los temores...te buscaba en nuestros momentos más tiernos,
en los pensamientos más irracionales...te busqué
en las utopías quijotescas que nos han hecho amarnos
a veces bien y otras menos,
en los poemas que te dejo de decir
en estos días y los que ya te he dicho, en las caricias que te doy
en tu ausencia...te buscaba en las supuestas fortalezas de nuestros corazones
para no necesitar besarnos...te buscaba...y allí estabas mi amor.
No son mis manos, es tu cuerpo... no son mis besos,
son tus labios... no es mi pasión, son tus sentimientos...no es mi amor,
es tu corazón y tu alma inmensa descubriéndome, descubriéndote,
descubriéndonos...

(IN)DEFINIRTE

Lekiam Tlarig

Tu amor no promete,
no sirve de esclavo,
no se encadena a ilusiones,
piensa, medita,
también sufre
y llora
pero se adelanta a la pasión inútil
que lo aniquila, que enfría el sentimiento profundo
y apaga la llama.
Tu amor me da esperanzas sin motivos,
me conquista desde la paz de sus besos,
me armoniza en los conflictos de sus abrazos,
me derrota con las armas de la honestidad
y el ofrecimiento sincero.
Tu amor es tuyo y es mío,
es de los dos y puede no ser de nadie;
“tu amor” no es tu amor...
es más que eso...
es el amor especial,
bueno, alegre y claro
que tengo para añorarte en la noche,
resistir tus ausencias
y convertirlas en presencia...
tu amor es solo eso ¡TU AMOR!
Sin analogías, sin definiciones...es todo y es nada,
pudiera ser infinito...
pero igual con un átomo,
mi alma tiene luz
para ver en la oscuridad
y marcar un rumbo al mañana.



Lucas Lima

Nascido no dia 02 de Setembro de 1998, na cidade de São Paulo, se mudou quando criança para Cáceres onde cresceu e desenvolveu atividades sociais e culturais. Envolvido com a música desde os 8 anos de idade, além de compor letras musicais também se aventura a produção de poemas se inspirando no lugar onde vive, o lindo e belo Pantanal mato-grossense.

VOAR

Lucas Lima

A natureza bela,
A flora mais rica e singela,
Dentro do Brasil, mais precisamente o Mato-grosso,
O Mato lindo, o Mato rico, o Mato é nosso.
O mato é moça o mato é moço
O Mato é ouro.
A fauna nem se fala,
O canto dos pássaros encanta em cada canto,
O tuiuiú no seu rasante,
No encontro com a Asa Branca, Ema,
Pelo Rio a gente rema, Rimo,
Avistando as Seriemas, vindo
Jãçanã, Garça Real, Arara azul
Águia pescadora, Coró Coró, Tapicuru
Maguari, socó-boi, Socozinho, Carcará, jaó
Garça moura, gavião carijó,
Rico pela manhã, pela tarde é extinção.
Falcão Quiriri, carão, maçarico rasteirinho
Arara vermelha, Gavião ou
Um belo gavião.
O pantanal pede socorro, vagorosamente
Maracanã verdadeiro, Maria faceira, Garça Vaqueira
Urubu de cabeça vermelha, garça branca e pequena
Isso não é nem a metade das asas que sobrevoam nossa maravilhosa terra
Lutando pela sobrevivência, cantando contra a guerra.

“MUDANÇAS”

Lucas Lima

E aqui em volta
É quem vende
é quem compra,
é quem troca
e dessa forma as coisas saem da norma
E o país se destransforma,
É a reforma trabalhista,
É a revolta e o repentista
O mc com skatista
O conteúdo é a vista
Vamos ver se você vista
Sem flagrante na revista
Mais respeito na visita
A mente não se limita
Original não imita
Bolsomito aqui não mita
Faça pela paz transmita
Reponha para agir as fitas
E quando virar admira
Admita e aponte a mira
Prepara a letra mais pesada
Engatilha e atira.

INSPIRAÇÃO

Lucas Lima

Tive que ver o pôr do sol no areal
Porque a sete de Setembro
É só carro e fumaça,
Até passo mal
Cidade das bicicletas é irreal
Hoje as motos são as metas
E o bolso sem um real
Indo para sete quedas
Sete manos setenta e sete por hora
Sete horas da manha
Sete pães na sacola
Sei que tudo vai bem além da marola
Mas é você que decide
É ação, reação ou é a morga
O trampo ou a escola
Limite não extrapola
Evite pisar na bola
Pobre ri a elite chora
Vamos mudar o contexto
Mudar tudo com uns textos
Deixar tudo do avesso
E veja o que a contece
Caminhando para o consumo
Uso umas marcas sem rumo
Hoje a laranja é sem sumo
Desculpa ai, errei e assumo
Em contribuir com essa roda gigante
Babilônia se transforma em selva
Em um instante.



Poliany Rodrigues

É enfermeira e professora de saúde mental, doutora em saúde pública e meio ambiente. Aficionada pela ciência, enxerga a vida pelo viés da epidemiologia. A poesia é uma forma de se manter viva. Não gosta de nada fácil, nem comum. Intensa e dramática, prefere ser essa “metamorfose ambulante”.

O IMPOSSÍVEL

Poliany Rodrigues

Queria enxergar em anos-luz o futuro
Queria estar a anos-luz de mim
Como se as coisas fossem ficar simples
Como se eu não precisasse ter nada resolvido
Como se eu tivesse que recuperar a memória a cada manhã...
Como se minha vida pudesse ser uma viagem constante...

sem nada de pé no chão...
sem nada de gravidade...
sem nada de realidade...

Como se tudo pudesse ser colorido, brilhante,
suave, doce e macio...
Como se eu pudesse recomeçar tudo retocando o que foi imperfeito...

O ÓBVIO

Poliany Rodrigues

Tão boba por não enxergar o óbvio.
Ali escancarado na minha frente.
Me acompanhando
Me desafiando.
Tão previsível.
Tão chato.

Será que tudo é tão evidente assim?

Parece que aceitar isso é desistir.
É permitir que a vida pare.
É deixar a mesmice tomar conta.
É se privar de um futuro diferente,
por preguiça.

DELÍRIOS

Poliany Rodrigues

Eu nunca quis que as coisas fossem fáceis.
Algumas coisas na minha vida eu procurei.
Outras me foram entregues como um presente (goela abaixo).

Eu nunca quis que as coisas fossem fáceis.
Pelo contrário...
eu quis... eu quero...
e quando a gente assume isso nada é tão simples...

Eu nunca quis que as coisas fossem fáceis.
Eu nunca quis que as coisas fossem simples,
ou mornas, ou imediatas...
Eu nunca quis que os problemas fossem embora ou
que os fantasmas deixassem de me assombrar...
e é isso que me escapa a cada passo para o futuro... (?!)

Eu só queria uma coisa da vida agora: um abraço!



Rosângela Pereira

Divorciada, 57 anos! Carioca do Andaraí, Rio de Janeiro, maquiadora e cabeleireira à 25 anos, maquiadora artística a mais ou menos 10 anos. Uso da prática Libertadora da criação, faço do meu pincel meu instrumento de dominação e me torno empreendedora na arte de maquiagem e mostrar mais uma profissão. Hoje creio que as chances são bem maiores para quem sabe fazer bem! E adequar sua profissão num diferencial qualificado! buscando uma lacuna no mercado.

VOCÊ

Rosângela Pereira

Escolhi você Sabendo dos teus defeitos.
Escolhi você sabendo que não eras perfeito.
Escolhi você e fiz de ti a minha opção,
sabia que não era a melhor opção...
Não importava!
Tantas outras melhores opções que a vida, me dava...
Eu escolhi Você...
todos os dias que eu acordava independente de qualquer coisa,
até mesmo de você eu me prometi dias felizes...
Mas esperando em cada dia, um momento feliz
ao teu lado acreditando que não existia um dia feliz para sempre ...
mas um dia especial com VOCÊ.
E que um dia você iria pra não mais voltar...E eu seguiria meu caminho...

NÓS

Rosângela Pereira

Hoje, hoje você é só meu...
Eu e você, meu amor...
E que saudade...
Então hoje nós dois...
Já no quarto, na cama, deitados abraçados... seus dedos começam...
Em carícias suaves e deliciosas...
Passeia suas mãos em mim...
Em total delírio me contorço de prazer e tesão...
É Você! ...
Queria os seios pra fora, para chupar um depois o outro...
Com bicos bem duros!
Mas não era na sala que íamos ficar... e eu bem queria....
lá também
Não... não foi lá!
Seus dedos me tocavam a alma de tanto prazer...
E de repente me virou de lado e depois de braços ...
e começou a me ter...gostoso...
Me mordendo e eu pedindo mais ...morde mais...

Arrancou meus gemidos com as investidas seguidas...
E que mistura louca de dor e prazer....
Você veio por trás como há muito eu queria...
E trocamos !!! Loucamente!
Meu homem estava ousado e delicioso...

ANDRE

Rosângela Pereira

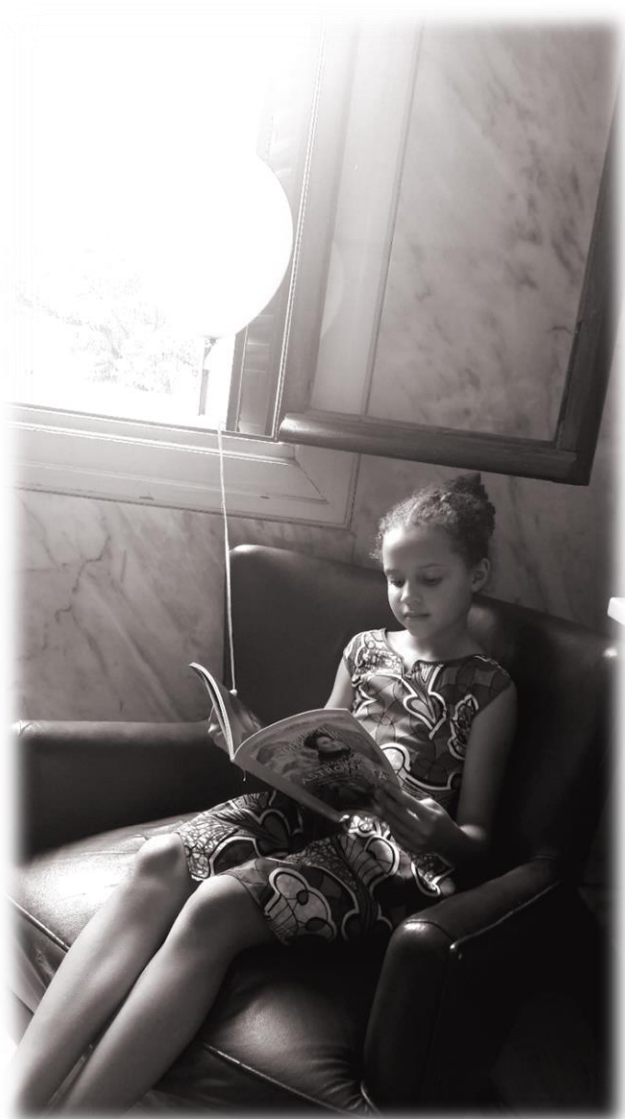
Ele é assim...
Ele é doce,
Ele é amargo sabores sem fim...
Ele é feito de encantos, de manias e de desabafos.
Menino de poucas palavras, nenhuma escritas.
Não pertence ao mundo e nem a ninguém, é do tipo livre,
mas não livre de obrigações, mas não de desejos .
Gosta de viver aquilo que é intenso,
que provoca arrepios, que a leva ao céu e ao chão em segundos.
Adrenalina a flor da pele.
Ele é do tipo que se enrola fácil,
que se perde com qualquer uma.
Tem o olhar no futuro, briga por si mesmo e encara as pessoas nos olhos.
Com esse menino é gostoso perder horas e horas sorrindo ...
Já teve mil motivos para desistir,
mas escolheu continuar de cabeça erguida.
Sofreu e chorou? Mas quem não?
Ele caminha sem bagagens pelo mundo a procura de sua felicidade.
Homem envolvente.
Sorriso doce, olhar de mistério.
Não gosta de muito apego, sincero.
Tem um lado bruto que vez ou outra aflora e quer se mostrar.
Fala tudo que quer, sem devaneios.
Ele é Lua, se não o Universo inteiro
pronto para ser desvendado se ele deixar.

Beatriz Freitas

Paulistana, nascida em 25 de abril de 2011,
vive no Rio Grande do Sul desde 2014.

Escreveu seu primeiro livro aos 6 anos.

Possui forte intuição e sensibilidade para
observar de forma poética as ações do
cotidiano. Neste livro consta sua primeira
poesia, inspirada nos cabelos brancos
inaugurais de sua mãe.



PRIMEIRA POESIA

Beatriz Freitas

Teu cabelo
É como um arco-íris
Com as cores do passado



Daniela Danieli

Graduada em Relações Públicas e Especialista em Comunicação Empresarial. Nascida em Porto Alegre (RS) em 22 de abril de 1981, criada e recriada no Brasil desde 2003.

Entende a poesia como a submersão do conhecimento armazenado no campo do sentimento, que aflora a partir da conexão com a sabedoria universal. Estuda, além dos assuntos ligados à sua área de formação acadêmica, temas relacionados à Antroposofia, Teosofia, Filosofia, práticas energéticas e terapêuticas e Artes.

SOU CONTIGO

Daniela Danieli

Sou o que sou
Porque sou contigo

Sou o que sou
Porque me inspiras a ser melhor

Sou o que sou
Porque contigo confio em mim e na vida

Sou o que sou
Porque me desafias a olhar para mim mesma

Sou o que sou
Porque tu és um canal por onde minha vida flui

E assim, como sou e como és
Seguiremos pelas reticências da vida até o ponto final.

Maria Elizabete Nascimento de Oliveira



Apaixonada pela arte de viver a própria fenomenalidade, a Escrita e o Mar são as maiores paixões, a primeira é lugar de viagens, transporte cósmico que legitima as vozes dos fantasmas, muitas vezes, mudos no meu mundo, sobressaltam-me altas horas da madrugada. O segundo é imensidão, alegoria do infinito, da poética e da pequenez humana. Mirando-o me vejo sem convenções, infinitamente, poderosa e cidadã do meu País, professora. Nasci e morri várias vezes, agora doutora em literatura.

AS LINHAS DAS MÃOS

Maria Elizabete Nascimento de Oliveira

Leiam as linhas das mãos!

Inscrevem-se nas minhas e nas suas,
peculiares resquícius de lutas,
cartografia das fissuras
entre o sangue e o amor.
Fitando-os, vejo águas
que escoam pelos dedos e
inundam, não o corpo,
mas o próprio ser.

Talvez, a matéria destas feituradas,
pulsa do sangue-coração
e da veia-(cons)ciência.
Doutrina que se inscreve,
não nas aventuras!
Mas, na medula dorsal
do nosso próprio existir.

Pousam nas linhas das mãos
o frescor das madrugada;
o verde-azul d'água das fontes;
as fases hipnóticas da lua;
na beleza do nascer e pôr do sol.
É fascínio de um amarelo-ouro,
que conduz ao anoitecer
e à porta. Ledo engano!

Voam as linhas das mãos
letraduras de pássaros em viagem,
deslocamento aéreo,
rascunhos e indireção.
Sem rotina, elas desafiam a lógica,
Insculpidas por libertinagem
e filetes de imensidão.

ESPANTO

Maria Elizabete Nascimento de Oliveira

A vida se dava
era no assombro.
Espanto à beira do precipício...
fazia ressoar o grito mudo
daquelas engrenagens secas,
a gotejar enganosas solicitudes.
Já haviam comido a carne.
Já haviam bebido o sangue.
Agora?!
Nutria-se era do tutano,
das dores que surgiam
enquanto a lâmina
cortava suas vísceras.
E com o quase nada,
naquela estrutura vazia e lenta,
nem o brado se ouvia.
O que restou?
O resto.
O resto da imensidão atenta
que caminha por dentro da gente.

(RE)EXISTÊNCIA

Maria Elizabete Nascimento de Oliveira

Perdida em um caminho
Obscuro e interminável
Encontrei Nzinga
A negociar a paz
Traída
Resistiu
Lutou contra o próprio sangue
Morreu
Mas, era só uma negra.
Segui o caminho...
Encontrei Galdino
A reivindicar direitos
Pataxó-hã-hã-hãe
Traído
Confiou
Foi cremado vivo
Morreu
Mas, era apenas um índio
Segui o caminho...
Encontrei um deficiente
A mirar meus olhos
Busquei a saída...
Não encontrei
Era os meus labirintos
Reflexos no espelho
Acordei
Traída
Sem (re)existência
Ajoelhei e chorei...

AEDO D'ALMA

Maria Elizabete Nascimento de Oliveira

Tristeza é alma deserta
Sem saber de luz
sem saber de vida
Alma deserta é
exílio de existência
Sem saber de si
Sem saber do outro

Degredo perpétuo!

Ermos carregam
bandeira branca
Com seus desertos
tingem lanças
Quebram o cálice
Sangue negro
de inexistência
jorra lances
de memórias
e de vida
e de olhos

Degredo perpétuo!

Na escuridão
sangre negro
alia-se aos braços
feitos de inexistência.
Enquanto a alma inerte,
com seu grito hirto
desaprendeu
a tocar ingratidão
Maestria só na nictalopia
Que toda noite grita
sua paisagem viva

Aedo perfeito!

O silêncio
esmo e surdo
à noite não houve

degreos p rpetuos
Prefere natureza morta.

Marlon Vinicius da Silva

Criatura da área da Tecnologia da Informação.
Viciado em leituras das mais diversas
possíveis. Só ler não é o suficiente,
exteriorizar, falar, discutir e escrever, tudo
aquilo que entra deve ser vertido para o
mundo novamente. Nada nunca está completo
ou imutável, tudo pode ser melhorado ou
transformado, sempre procurando crescer
mais e melhorar o que estiver em volta.

AQUELA IMAGEM

Marlon Vinicius da Silva

Quem me dera o ódio me cegasse
Quem me dera meus olhos mostrassem alguma insanidade
Mas não há nada ali, só a linha do horizonte
Só o vazio de um livro faltando na estante

Um cicatriz fechada a fogo de uma bela batalha
Uma ressaca depois da épica noite de bebedeira
Aquele cansaço depois do treino
Aquele frio depois do banho

Algo arranha meu peito
Algo aperta minha alma
Algo me tira o foco da noite

Não é arrependimento, nem ódio
É um ciúme singelo, um carinho perdido
Um lembrança maravilhosa que deixou saudades.

MINHA VITÓRIA SIM

Marlon Vinicius da Silva

Vitoria... Sim

Cravar minhas mãos, minhas unhas dentro de seu peito

Conquistar, arrancar seu coração, meu premio

Meu direito conquistado

Sobre corpos trilhei meu caminho, agora eu quero!

Quero o que me pertence, é meu direito!

Minha conquista!

Rasgarei teu peito, destruirei teu mundo

Enfrentarei teu exército e teus deuses

Mas você será minha!

Você me pertence, te conquistei!

E paguei com a alma de cada infeliz

Com a alma de cada infeliz que entrou em meu caminho

Paguei o preço de sangue por ti duas vezes

O sangue daqueles que derrotei

O sangue de minhas feridas

Você é meu direito

A vitória é minha.

OFEGANTE

Marlon Vinicius da Silva

A cada passo o peso se faz presente em minhas costas
Ofegante e desorientado
Cada passo à frente parece um passo perdido
Noite e sombras não aliviam seus músculos.
O peso também se joga sobre minhas pálpebras.
Cansado e com um rumo dúbio
Cansado e perdido em minha mente.
Só o desejo daquela sombra.
Um último lugar para tentar dormir em paz

MEU DESEJO

Marlon Vinicius da Silva

Entenda de uma vez criatura
Quero o calor do teu sangue escorrendo por meu peito
Quero saborear a fibras de seu coração negro entre meu dentes
Quero sentir o frio tomando conta de seu corpo enquanto te abraço
Quero ver seus olhos arregalados fixo de pavor em mim
Quero suas unhas em desespero cravando em minha pele inutilmente
Quero consumir sua alma e marca-la por toda eternidade com a minha
presença
Pois você é minha e tingirei meus lençóis com teu sangue
E Enfeitarei minha casa com teu ossos
E levarei no meu peito teu coração seco
Para sempre sua alma será marcada por mim
E para sempre tua lembrança me assombrará
E nunca mais me deixará sozinho.

SANGUE SECO

Marlon Vinicius da Silva

Porque o sangue não corre mais
Está parado em suas veias
Congelado, seco, virou pó
Ele entra em fúria, entra em frenesi
Mas seu sangue está seco
Não há mais nada que se mova
O pó é o que restou em suas veias
O fogo em seu olhar é o único que arde
Mas o sangue não corre
O músculo não contrai
A adrenalina de nada serve
E seus olhos se cegam em seu próprio fogo
Será que está morto e não sabe?

ÍNDICE REMISSIVO

C	M
Cáceres, 18, 29	morrer, 41, 43
caminho, 23	
coisas, 13, 17, 51, 54, 56	N
	nada, 27, 43
D	natureza, 42, 50
depressivos, 41	nunca, 12, 25, 46, 56, 75
desejo, 75	
	S
F	sarjeta, 27
flor, 16, 60	sempre, 13, 14, 16, 17, 18, 27, 58, 75
	sentimento, 13
H	sol, 17, 18, 29, 42, 52
HAIKAI, 32, 33, 34, 35	sozinho, 75
homem, 41, 42, 59	
humanidade, 41	V
	vida, 12, 17, 23, 25, 42, 43, 46, 54, 55, 56,
J	58, 64
jardim, 16	viver, 13, 17, 41, 43, 60
L	
luz, 23, 28, 39, 48, 54	

Surge no front mais uma coletânea de poemas intitulada Palavras para sentir. Nesta, seus autores não dependem da literatura para viver. Vários deles militam em causas sociais. E se preciso for, nas horas (in)úteis, curtem o (ó)cio criativo, parafraseando Manoel de Barros. Fica à vontade, caro leitor, caso queiras ir direto à leitura deste livro. Este, organizado por Poliany Rodrigues e Paulo Alberto Vieira, contém dezesseis autores da região de Cáceres (MT) e um de Cuba. A ceia de versos está posta.

ISBN 978-659906416-6



9

786599

064166

Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000

Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil

Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp)

<https://www.editorapantanal.com.br>

contato@editorapantanal.com.br